

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Campus Litoral Norte

Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza

Juliana Otto

**DA ESCOLA QUE TEMOS A ESCOLA QUE QUEREMOS:
UMA VIAGEM PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA PERSPECTIVA DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Tramandaí

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Campus Litoral Norte

Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza

Juliana Otto

DA ESCOLA QUE TEMOS A ESCOLA QUE QUEREMOS

Uma viagem pela educação do campo na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – campus litoral norte, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof. Dr^a Elisete Enir Bernardi Garcia

Tramandaí

2018

Juliana Otto

DA ESCOLA QUE TEMOS À ESCOLA QUE QUEREMOS:

Uma viagem pela Educação do Campo na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ao curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza como requisito para obtenção do diploma de graduação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr^a Elisete Enir Bernardi Garcia- UFRGS

Luciani Paz Comerlatto - UFRGS

Ana Paula Zandonai Kutter - SEDUC-RS

Tramandaí, _____, de julho de 2018

Dedico esta pesquisa, primeiramente, aos meus professores de educação do campo que causaram uma importante transformação em mim, criaram e foram criativos nas suas tarefas, me deram coragem para questionar as mais diferentes realidades e me mostraram um novo mundo cheio de possibilidades. Dedico, também, às minhas filhas que estiveram ao meu lado em todos os momentos e me deram o “gás” necessário para que eu concluísse esta graduação e dedico, principalmente, ao meu parceiro Juliano Alves Viana, que com todo seu apoio fez com que esta trajetória acadêmica se tornasse possível.

“... devemos ser capazes de desencadear - na prática educativa com os educandos do campo, nos diferentes ciclos da vida, nas diferentes faixas de escolaridade - um processo muito intenso de vinculação com a realidade, de produção e inserção na escola, das condições de produção e reprodução da vida dos sujeitos camponeses como elementos muito importantes dos componentes curriculares a serem refletidos nos processos de ensino” (Molina, 2014, p.26).

RESUMO

O presente estudo problematiza a percepção de estudantes da EJA sobre três questões: a) acerca de sua identidade (como sujeitos do campo ou não); b) acerca do meio em que estão inseridos (se reconhecem a cidade de Tramandaí como pertencente ao campo); c) acerca de como veem as suas diferentes realidades sendo trabalhadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa empírica se deu com estudantes do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí, localizado no município de Tramandaí-RS, por meio de questionários e observação participante, com o objetivo de apresentar um perfil com aspectos sociais dos estudantes, que responda às problematizações. Os resultados desta investigação indicam que a Educação do Campo necessita de uma visibilidade maior nesta região. Ainda que a instituição pesquisada está caracterizada como urbana, a pesquisa indica que são necessárias políticas públicas voltadas à educação do campo interligadas à oferta da EJA. Além disso, na perspectiva da análise do município, a EJA necessita ser ofertada tanto no diurno quanto no noturno e em diferentes bairros da cidade, bem como na região da Estância, considerada única região rural do município. Outras questões apresentadas pela pesquisa são sobre a perspectiva da EJA lançar-se ao desafio de incorporar na sua proposta pedagógica a pedagogia da alternância, além de pensar estratégias para que as mulheres possam frequentar a EJA sem interrupções de estudos por não ter onde e com quem deixar seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Educação do Campo. Sujeitos do campo. Escola urbana.

ABSTRACT

The present study problematizes the students' perception of EJA on three questions: a) about their identity (as subjects of the field or not); b) about the environment in which they are inserted (they recognize the city of Tramandaí as belonging to the field); c) about how they see their different realities being worked on in Youth and Adult Education (EJA). The empirical research was carried out with high school students of the State Institute of Education Barão de Tramandaí, located in the city of Tramandaí-RS, through questionnaires and participant observation, with the objective of presenting a profile with social aspects of the students, which responds to problematizations. The results of this research indicate that Field Education needs greater visibility in this region. Although the research institution is characterized as urban, the research indicates that public policies are needed for the education of the countryside linked to the EJA offer. In addition, from the perspective of the analysis of the municipality, the EJA needs to be offered both in the daytime and at night and in different neighborhoods of the city, as well as in the region of Estância, considered the only rural region of the municipality. Other questions presented by the research is about the EJA's perspective to embark on the challenge of incorporating in its pedagogical proposal the pedagogy of alternation, as well as thinking strategies so that women can attend the EJA without interruption of studies because they have no where and with whom leave their children.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Field Education. Subject of the field. Urban school.

FIGURAS

FIGURA 01 – Mapa do litoral norte- RS.....	14
FIGURA 02 - Imagem aérea da cidade de Tramandaí- RS.....	15
FIGURA 03 – Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EDUCAMPO – EDUCAÇÃO DO CAMPO

LEDOC – LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

CLN – CAMPUS LITORAL NORTE

LDB – LEI DE DIRETRIZES E BASES

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 01 – Gênero dos entrevistados.....	29
GRÁFICO 02 - Faixa etária dos entrevistados.....	30
GRÁFICO 03 – Municípios dos estudantes.....	31
GRÁFICO 04 – Tempo que moram em Tramandaí.....	31
GRÁFICO 05 – Motivo de ter escolhido a EJA.....	32
GRÁFICO 06 – Como gostaria que fossem desenvolvidas as aulas.....	33
GRÁFICO 07 – Quais as dificuldades encontradas para concluir os estudos.....	34
GRÁFICO 08 – Em que área pretende continuar o ensino superior.....	35
GRÁFICO 09 – Vínculo com atividades do campo.....	36
GRÁFICO 10 – O que compreende por Educação do Campo.....	36
GRÁFICO 11 - Como a escola poderia contribuir para o desenvolvimento das práticas do campo.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

- 1.1. Os primeiros trajetos: “Andarilhagem”.....12
- 1.2. Conhecendo o percurso.....14
- 1.3. Parada da reflexão: justificando o problema da investigação.....17
- 1.4. Revisão de Literatura.....18

2. PERCURSO METODOLÓGICO.....18

3. O EMBARQUE NA CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA

- 3.1. Seguindo viagem: Os caminhos das modalidades de Educação do Campo e Educação de jovens e Adultos.....20

4. INICIANDO OS DESMARBQUES

- 4.1. Análise dos perfis dos estudantes pesquisados.....26
- 4.2. A importante relação entre educador e educando.....38

5. CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES

- 5.1. A tão esperada chegada: conclusão da viagem.....39

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário para pesquisa com os alunos da EJA do Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí.....49

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido.....50

1. Introdução

1.1. Os primeiros trajetos: “Andarilhagem”

No decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte, nós, acadêmicos, participamos de muitas saídas de campo e diversos trabalhos de pesquisa. Foi em um desses trabalhos que passei a ter uma nova percepção da cidade em que eu estava inserida: a mesma que eu acreditava ser totalmente urbana, passou a ser questionada e entendida como uma cidade do Campo. Nessa *andarilhagem* - termo utilizado por Paulo Freire que remete ao fato de que somos seres em constantes trajetos em busca de algo – minhas percepções foram sendo transformadas. Como nos diz Brandão:

Somos humanos por que aprendemos a andar. Somos humanos por que aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque crêem (os peregrinos, romeiros), os que deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (BRANDÃO, 2008, p.40).

Em um dos trabalhos de pesquisa, realizado no segundo semestre do curso, os estudantes receberam a proposta de fazer um diagnóstico do município em que residiam ou trabalhavam. Meu diagnóstico foi realizado sobre o município de Tramandaí-RS e constatei por meio deste trabalho que, segundo consta no *site* do IBGE/2010, de uma população de aproximadamente 46 mil habitantes, apenas 1 mil eram considerados como sujeitos do campo, pois os mesmos eram moradores da área rural do município.

Os primeiros questionamentos dessa *andarilhagem* surgiram a partir da conclusão dessa primeira pesquisa: *Somente estes sujeitos, moradores da área rural, são sujeitos do campo? E os inúmeros pescadores que a cidade possui, não são considerados do campo? E os ribeirinhos?*

Estes questionamentos passaram a fazer parte dos meus pensamentos durante os longos trajetos de ônibus que percorria na cidade até chegar à universidade. Tramandaí passou a ser vista com outro olhar, pela janela de um ônibus. Meus

“óculos” já não eram os mesmos e por coincidência do destino, ou não, tive a oportunidade de pegar um ônibus errado e conhecer uma localidade que não conhecia na cidade: O bairro Cruzeiro. Este bairro possui sua maior extensão às margens de um rio e a primeira coisa que me chamou a atenção foi que aquela população de ribeirinhos não estavam incluídos na contagem dos sujeitos do campo. Outro fator que chamou-me à atenção: A falta de escola naquela localidade o que levaria as crianças a percorrer uma longa distância até a instituição mais próxima. No entanto, as perguntas mais desafiadoras eram: *Como estavam sendo trabalhadas aquelas diferentes especificidades no ambiente escolar? Os professores têm conhecimentos desta realidade do município? Estes sujeitos se percebem como sujeitos do campo?*

Eram tantas as perguntas a serem feitas, mas poucas foram as respostas que nós conseguimos das autoridades e representantes locais. Assim, decidimos, através deste Trabalho de Conclusão de Curso, retomar estas questões e formular novas problematizações simultaneamente à oportunidade do estágio docente (previsto na graduação).

Neste sentido, tendo a noção de que não conseguiríamos dar conta de estudar todos os questionamentos responder todas as problematizações sobre o Campo na cidade de Tramandaí-RS, em um único trabalho, optamos por delimitar o a investigação no que tange às questões sobre a Educação do Campo e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois são modalidades com características semelhantes – ambas com um caráter de reconhecimento de dívidas sociais não reparadas.

Assim, um dos objetivos desta pesquisa é apresentar um perfil social dos sujeitos da EJA que contemple informações acerca de gênero, faixa etária, perspectivas profissionais futuras, as motivações para estudar na modalidade e as maiores dificuldades encontradas pelos estudantes na decorrência de sua formação escolar. Com este perfil, outro objetivo será evidenciar outras questões sociais como seus pertencimentos (construção identitária) e como os nossos interlocutores percebem a cidade de Tramandaí: Como meio urbano ou campo?

1.2. Conhecendo o percurso

Nessas *andarilhagens*, fizemos uma pausa para conhecer o município em que se realizou a pesquisa. Convido a todos para uma “viagem” em torno de uma pequena cidade chamada Tramandaí, localizada no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul entre os municípios de Imbé, Osório e Cidreira.

Este município possui aproximadamente, segundo o *site* da prefeitura municipal e IBGE, 46 mil habitantes. A população é composta de população nativa do município e de migrantes de diversas regiões do Rio Grande do Sul e de estados vizinhos. É tradicional, no município a prática de atividades pioneiras do campo como agricultura e pesca. Porém, pelo fato desses sujeitos não morarem na área rural do município, não são considerados sujeitos do campo e muitos deles não se reconhecem como tal.



Figura 01 – mapa do Litoral Norte-RS - Fonte: Google.

Historicamente, Tramandaí deixou de ser um local com economia baseada na pesca para um sistema baseado em prestação de serviços básicos e serviços voltados

ao turismo – especialmente o de temporada de verão. O campo, em Tramandaí, caracteriza-se por uma pequena aglomeração em torno da cidade onde raros são os serviços prestados. A urbanização traz inúmeras possibilidades bem como oportunidades de trabalho e acesso a bens e serviços. Dependendo da política de desenvolvimento da cidade faz com que o campo cada vez mais seja deixado de lado tornando-o um espaço com muitas dificuldades de acesso, principalmente à escolarização.



Figura 02 - imagem aérea de Tramandaí. Fonte: Google

Mesmo com uma história marcada por lutas, desafios e conquistas, alguns sujeitos do campo, hoje, abriram mão da sua vida camponesa, com uma imensidão de valores, culturas e saberes, para buscar uma vida, considerada por alguns, como mais “digna”, no sentido de valorização financeira e reconhecimento social. Arroyo (2011) diz:

Essa polarização entre conhecimento e experiência passou a operar como padrão de hierarquização de saberes e, sobretudo, de experiências e de coletivos sociais e profissionais. Nessa hierarquia

supõe-se que os coletivos superiores produzem experiências e conhecimentos nobres, enquanto os coletivos tidos como inferiores, atolados nas vivências comuns do trabalho e da sobrevivência, produzem saberes comuns. Supõe-se que os trabalhadores produzem saberes elementares; saberes da prática comum. Reconhecer e enfatizar a relação estreita entre experiência e conhecimento ou reconhecer que todo conhecimento tem sua origem na experiência social não é apenas uma questão epistemológica a ser estudada nas teorias da produção do conhecimento. É um pré-requisito para entender por que as vivências dos educandos e dos educadores, as experiências das lutas, do trabalho e da condição docente são desprestigiadas e ignoradas não apenas nos currículos, mas também nas políticas de valorização profissional. (ARROYO, 2011, p. 2104)

Podemos lembrar do que afirma Santos (2013) acerca da “fábula da globalização” que vivenciamos, que tem aumentado distâncias entre grupos sociais pelas disparidades em oportunidades. As desigualdades econômicas e sociais geraram um forte preconceito diante dos povos que vivem e trabalham no campo, que são, em diferentes períodos históricos, vistos como inferiores e atrasados, conforme Arroyo (op. cit).

Além disso, o campo é visto geograficamente como periferia e dependente do urbano em questões políticas, econômicas e sociais. O habitante do campo, se necessitar acesso ao médico ou correspondentes bancários deve se deslocar à cidade. Essa ideia leva, muitas vezes ao pensamento de que o campo sempre será atrasado e se melhorar, vira cidade. Por um lado vemos o campo como um local fragilizado pelo isolamento e precariedade no acesso a saúde, educação e outros. Conforme Arroyo (op. cit) a educação no meio rural tem sido considerada, historicamente como um “resíduo” da educação brasileira.

Por outro lado vemos o campo cujos habitantes são portadores de uma cultura que dinamiza as relações sociais locais e portadores de uma grande capacidade de resistência aos efeitos desagregadores aos quais estão constantemente confrontados.

1.3. “Parada da reflexão”: justificando o problema da investigação

Faço aqui uma “parada da reflexão”: com o decorrer do curso de licenciatura em Educação do Campo percebi que inúmeras mudanças sobre a maneira como eu analisava o mundo começaram a ocorrer. Alguns saberes foram reafirmados, outros desconstruídos, contestados e novos conhecimentos e saberes passaram a fazer parte do meu dia a dia, fazendo com que eu pudesse perceber o mundo e seus aspectos sob diferentes olhares. Como um sujeito em constante mudança e em reconstrução diária, podemos dizer que somos seres incompletos e inconclusos conforme Paulo Freire (1979, 1996) nos ensinou, pois com as *andarilhagens* que a vida nos proporciona, vamos sendo modificados e tornando-nos o que somos.

Assim, na trajetória como estudante, muitas “paradas da reflexão” aconteceram, mas revisito aqui uma que, como já mencionei acima, marcou minha caminhada. As primeiras reflexões surgiram quando, ao entrar em um ônibus errado e percorrer quase toda a cidade, percebi que havia muito mais sujeitos do campo nesta cidade do que eu imaginava. Assim, com o intuito de promover o conhecimento sobre importância que o Campo tem na vida de todos os cidadãos, como futura educadora e com o sentimento de dívida com a sociedade, decidi que o foco principal dos meus estudos seria a Educação do Campo em Tramandaí-RS.

Alguns semestres passaram-se e a “chama” da Educação do Campo acendia-se cada vez mais. O que eu não esperava é que surgiria uma nova paixão nessas *andarilhagens*: a Educação de Jovens e Adultos. Nos últimos semestres do curso, tive o privilégio de estagiar em uma escola que oferta EJA - Ensino Médio. Sabendo que existe um grande número de sujeitos do campo nesta cidade e havia grandes possibilidades de que uma parte destes sujeitos estivessem nesta escola, surgiu a ideia de escolher este tema para desenvolver a pesquisa do trabalho de conclusão voltado para estas duas realidades, tão marcadas por estereótipos e injustiças sociais. Desta forma o *locus* da pesquisa se dá na modalidade EJA, desenvolvida numa escola considerada urbana, porém que recebe sujeitos do campo.

O fato de pesquisar na EJA é algo, particularmente, muito prazeroso nesta trajetória acadêmica, pois fui estudante da EJA, tive o privilégio de ter professores

dedicados e empenhados na transformação dos seus estudantes, fazendo com que cada um de nós acreditássemos no nosso potencial, nos ensinando a nos defender das discriminações que os estudantes da EJA sofrem e tornando possível a realização de um sonho que é esta formação. A Graduação deu sequência na minha transformação como indivíduo me tornando um ser humano crítico e sensível, modificando-me e transformando-me em uma educadora preocupada com os sujeitos da EJA e em como irei contribuir para a sua formação.

1.4. Revisão de literatura

Consideramos importante salientar que em nossa busca (no repositório digital da UFRGS) por trabalhos relacionados a “sujeitos do campo em escolas urbanas” ou “sujeitos do campo na Educação de Jovens e Adultos” não foi encontrado nenhum trabalho com esse cruzamento de palavras. Há poucos trabalhos de pesquisa na modalidade EJA que contemplem aspectos sócio-culturais do Litoral Norte do RS. Kutter e Eichler (2009 e 2011) teceram reflexões sobre a cultura da escola na modalidade EJA, por meio de pesquisas* do tipo etnográfica, no município de Torres – RS, apresentando traços culturais com muitas aproximações dos resultados que serão mostrados nesta pesquisa.

Dessa forma destacamos a importância deste estudo, principalmente pela possibilidade de contribuir com a ampliação de conhecimentos acerca de aspectos sociais da escolarização na região, no que diz respeito à EJA e a Educação do Campo.

2. PERCURSO METODOLÓGICO: O embarque e os passageiros

A metodologia escolhida para *andarilhar* foi a *pesquisa qualitativa* (BOGDAN e BIKLEN, 1994) na forma de estudo de caso. O *locus* da pesquisa foi uma escola urbana que atende sujeitos do campo.

Os instrumentos/técnicas de pesquisa utilizadas foram questionários e observação participante. Os questionários foram estruturados com quatorze perguntas e foram respondidos por vinte estudantes, conforme consta no anexo e na análise deste trabalho. Os interlocutores que responderam aos questionários são estudantes da modalidade EJA de duas turmas de Ensino Médio noturno, das primeiras totalidades (semestres) do curso, em uma escola urbana que atende sujeitos do campo.

Outro instrumento que usamos para “caminhar” foi a *observação participante*, pois ela permite que o pesquisador não seja visto de maneira invasiva ou que pareça uma ameaça para a forma com que a escola se organiza (já que muitos não se sentem confortáveis com a presença de pesquisadores). É uma maneira sensível de se introduzir no âmbito escolar com o intuito de compreender seu funcionamento. A aceitação dos pesquisadores nos ambientes escolares é de extrema importância para a formação deste educador e a melhor maneira de se iniciar as atividades de pesquisador é partindo das observações participantes.

(...) tornar-se um participante do grupo estudado, após aceitação das pessoas que o compõem, é presenciar e compartilhar das vivências, do cotidiano, das rotinas, é estar ocupando, de fato, um lugar dentro desta rede de interações sociais e apreendendo informações que não seriam identificadas por um pesquisador que não estivesse nessa condição de partilhamento (KUTTER e EICHLER, 2009, p.115).

Durante as atividades de pesquisa, considerou-se importante carregar um caderno de campo para a realização de anotações que sejam relevantes para a formação do pesquisador. O caderno de campo é um instrumento indispensável para o êxito e a credibilidade de uma pesquisa, nele deve conter dados apreendidos, relatos, observações e reflexões que surgem durante as *andarilhagens*.

Cabe destacar também que antes de iniciar a trajetória com os questionários optamos por conhecer os nossos interlocutores. Assim, como o trabalho de pesquisa se deu concomitantemente ao Estágio de docência II e III, foi possível observar vinte e quatro horas de aulas nas disciplinas de Biologia, Química e Física e ainda observar dois conselhos de classe da escola em questão. Além disso, foi possível realizar horas de monitoria e de regência com as turmas envolvidas na pesquisa e ainda auxiliar na organização de um evento chamado “Jornada sócio-ecológica na EJA: Ação antrópica e meio ambiente” juntamente com as professoras da área de Ciências

da Natureza. Esta aproximação possibilitou uma interlocução tranquila com os sujeitos pesquisados.

Nestas observações surgiram muitas questões que nos fazem refletir sobre as dificuldades que os estudantes encontram para concluir seus estudos na educação básica. Algumas farão parte do trabalho, outras carregaremos para futuras *andarilhagens*.

3. O EMBARQUE NA CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA

3.1. Seguindo viagem: os caminhos das modalidades de Educação do Campo e a Educação de Jovens e Adultos - EJA

Para melhor compreensão, consideramos importante trazer a definição do que é Educação do Campo e o que é a Educação de Jovens e Adultos para que possamos entender o significado e como são trabalhadas estas modalidades de ensino. Além disso, sem entendermos alguns conceitos sobre EDUCAMPO e EJA, ficará mais difícil compreender o porquê dessas modalidades serem tão importantes para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Educação do Campo é uma modalidade de ensino que busca trabalhar de forma significativa as diversidades do campo. Entende-se por sujeitos do campo, segundo Decreto da presidência da república, os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (DECRETO Nº 7.352/2010, artigo 1).

Mesmo existindo esse Decreto que “Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA” (DECRETO nº 7.352/ 2010) podemos perceber pelos estudos que desenvolvemos no percurso do curso, nas aulas de Tempo Comunidade e nas Pesquisas de Tempo Comunidade que muitos dos sujeitos do campo não se percebem como do campo e não conhecem as políticas públicas existentes para a valorização das suas práticas.

Cabe ainda definirmos sobre o conceito de escola do campo, conforme Decreto, mencionado acima, as escolas do campo são aquelas localizadas na área rural ou as escolas que estão situadas na área urbana, mas que atende sujeitos do campo, assim consta:

I - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo.

§ 3º As escolas do campo e as turmas anexas deverão elaborar seu projeto político pedagógico, na forma estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação (DECRETO nº 7.352/ 2010, grifo nosso).

Entendemos, respaldadas pela legislação, que a escola do campo deve primar pela elaboração de um currículo de forma que atenda e valorize as diferentes especificidades, construindo conteúdos que estejam relacionados aos conhecimentos e saberes do campo.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino amparada por lei para os sujeitos que não tiveram, por algum motivo, acesso ao ensino sequencial na idade “apropriada” possam iniciar ou completar seus estudos na Educação básica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

No artigo 38º da LDB, é definido o limite das idades para a conclusão do ensino fundamental ou médio:

- Maiores de quinze anos podem ingressar na EJA para a conclusão do Ensino Fundamental;
- Maiores de dezoito anos podem ingressar na EJA para a conclusão do Ensino Médio.

A EJA, tendo suas características próprias e está garantida com igualdade de direitos e de oportunidades na educação, considerando as especificidades dos educandos como diferentes faixas etárias e perfis dos estudantes (RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, artigo 5).

Nossa pesquisa parte dessa compreensão do direito a educação e, “isso implica o entendimento de que, na história brasileira, diferentes grupos sociais tiveram o direito à educação escolar negado ou desigualmente usufruído” (GARCIA, 2011, p. 18).

Garcia (2011) corrobora também no entendimento de que na educação do campo e na EJA “muito se avançou com a ajuda da organização da sociedade civil. Nesse sentido, a diversidade de saberes historicamente produzidos por esses grupos compõe, hoje, parte relevante do capital social do povo brasileiro” (GARCIA, 2011, p. 18).

Muitas vezes, os estudantes da Educação de Jovens e Adultos sofrem discriminação ou preconceito e isso se torna muitas vezes motivo para eles não se sentirem apto para dar continuidade aos estudos. Conforme MEC/CEB, 2000 as funções da EJA são reparadora, equalizadora e qualificadora. Destacamos a função equalizadora por indicar que:

vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação (BRASIL, 2000, p. 8-9).

O ideal é que o professor tenha formação específica para atuar na EJA, pois é preciso que ele reconheça as especificidades desta modalidade. Além disso, sabe-se da importância de se ter professores comprometidos com a qualidade social da educação e que entendam que os sujeitos que buscam a EJA querem estudar ou precisam dela. Cabe salientar que tanto a Educação do Campo, bem como a Educação de Jovens e Adultos, têm, como principais características, a autonomia para a elaboração e modificação das suas metodologias de ensino e a adaptação dos conteúdos curriculares, valorizando as diferentes especificidades como faixa etária e perfis dos estudantes para que possa tornar o aprendizado mais valioso, prazeroso e significativo nas diferentes realidades de cada educando.

Tanto a Educação do Campo quanto a Educação de Jovens e Adultos têm como foco principal o respeito à diversidade e seus aspectos sociais e culturais. No entanto, não basta estar registrada como modalidade, mas sim há necessidade de metodologias que considerem as diversidades e busque uma abordagem mais humanitária do currículo.

Além disso, o educador do campo e da EJA deve ter conhecimento de que necessita de formação continuada e de constante aperfeiçoamento de suas didáticas. Esta formação continuada para os educadores está garantida por lei, mas não é conhecida por todos educadores e gestores escolar. Assim expõe o Decreto presidencial:

§ 1o Poderão ser adotadas metodologias de educação à distância para garantir a adequada formação de profissionais para a educação do campo.
§ 2o A formação de professores poderá ser feita concomitantemente à atuação profissional, de acordo com metodologias adequadas, inclusive a pedagogia da alternância, e sem prejuízo de outras que atendam às especificidades da educação do campo, e por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão (DECRETO Nº 7.352/ 2010, artigo 5).

Da mesma forma que o sujeito do campo e da EJA tem a garantia e o direito de uma educação de qualidade que valorize suas práticas e suas diferentes realidades, o professor também tem o direito de uma formação que atualize seus conhecimentos e saberes e os ajude na elaboração de uma nova prática docente.

Desta forma é necessário que o professor estude e escolha qual a abordagem de ensino que ele necessita para desenvolver seu trabalho de forma coerente com os princípios da educação do campo e da EJA. Destacamos que de acordo com Mizukami (1986), as abordagens de ensino podem apresentar diferentes referenciais, sejam eles filosóficos, psicológicos ou fundamentados na prática.

Quando se analisa qual a forma de abordagem de ensino deverá ser realizada, independente de ser em uma escola urbana ou do campo, na EJA ou no sequencial, segundo leituras de Mizukami (1986), como educadores, a primeira coisa que devemos saber é que a abordagem que será realizada no âmbito escolar terá de ser diferenciada. O objetivo principal para um bom aprendizado é o compartilhamento de saberes entre educador e educando. Entendendo isso, as formas de abordagens na educação do campo e da EJA terão que ser reformuladas com o intuito de garantir

uma aprendizagem significativa para os educandos, fazendo-se necessário refletir sobre diferentes aspectos.

Sabendo que a abordagem tradicional, segundo Mizukami (1986), tem como foco somente a transmissão de conhecimentos e as abordagens comportamentalistas visam a manipulação e controle dos comportamentos sociais através da educação escolar, devemos nos embasar nas abordagens humanistas, socioculturais e cognitivistas para promover uma educação de qualidade nas escolas do campo.

Na abordagem humanista, o professor tem a função de facilitar a aprendizagem e fornecer condições para que os estudantes aprendam, o professor incentiva a solidariedade do grupo em que está trabalhando e se permite aprender ao mesmo tempo em que ensina.

A abordagem cognitivista trabalha com os diferentes estilos de pensamentos e comportamento dos educandos, o aprendizado vai se aprimorando de acordo com as modificações dos conhecimentos prévios já existentes dos alunos, ou seja, o aluno é protagonista de um processo de transformação da realidade. Este tipo de abordagem inspira e motiva o aluno, tornando a escola atrativa e mantendo um bom relacionamento entre professor e aluno, além de formar sujeitos com o sentimento de responsabilidade social.

A abordagem sociocultural acredita-se ser a mais utilizada na educação do campo e na EJA, tendo como foco a cultura popular e não se restringindo apenas à uma educação formal, a educação é vista como um ato político, desenvolvendo uma reflexão crítica dos estudantes para que ele possa modificar e transformar diferentes realidades, tornando o sujeito responsável e comprometido com a sociedade e sua cultura.

As escolas, sejam elas urbanas ou do campo, na maioria das vezes, reproduzem um modelo padronizado de ensino, não levando em consideração a realidade local e nem as diferentes especificidades encontradas em sala de aula, o que faz com que, principalmente para os sujeitos do campo, a aprendizagem não seja significativa já que não conseguem fazer ligações entre os conteúdos curriculares e seu cotidiano.

Silva (2003) traz à tona questões educacionais e sociais e deixa algumas perguntas problematizadoras para que os educadores e futuros educadores reflitam sobre qual a real pretensão da maneira que ensinamos: Educamos para a economia ou para a democracia? Mostrar a sociedade aos jovens como ela existe ou prepará-los para transformá-la?

Quando pesquisamos uma escola urbana que atende sujeitos do campo, percebemos que a realidade não é diferente, não há uma adaptação do currículo que contemple os diferentes sujeitos ali presentes. Segundo Norton (2016, p. 251) “o que temos são escolas urbanas, com práticas e valores urbanos”. Mas, como trazer o campo que acerca a escola para dentro dela?

Para que isso aconteça, é necessária que haja, em primeiro lugar, o reconhecimento destes sujeitos presentes na escola e o reconhecimento da localidade em que a escola está inserida, uma tarefa que exige uma mudança de postura de alguns professores e de alguns gestores. Com esta mudança, novas práticas de ensino/aprendizagem devem ser elaboradas com uma visão voltada para os diferentes sujeitos que ali se encontram, buscando dar voz e vez para estes estudantes, fazendo com que os mesmos desejem o que vão aprender pesquisar, criar, etc.

Freire (1993) nos ensina que é através do diálogo que conquistamos uma educação libertadora e Zitkoski (2008) reafirma que “através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação”.

Norton (2016, p.252) diz que “ao permitir ao aluno ser protagonista do seu aprender, o seu conhecimento de mundo e de valores afloram e se misturam com o conhecimento escolar”. Esta nova prática educativa contribuiria de maneira significativa na vida dos estudantes já que conseguiriam compreender com um novo olhar o local em que estão inseridos e suas atividades diárias do campo ou fora dele. Uma escola, desempenhando seu papel social, deve estabelecer esta relação entre o cotidiano, a cultura, as atividades do campo e seus conteúdos curriculares, a fim de promover a formação de um sujeito autônomo nas suas decisões, críticos perante aos

problemas sociais e capaz de cumprir seu exercício de cidadania de forma digna e justa.

4. INICIANDO OS DESEMBARQUES

4.1. Análise dos perfis dos estudantes pesquisados

Análise dos passageiros: estudantes da EJA

Escola: Palco da vida Pública

Como estes indivíduos vivenciam este espaço público?

Interações;

Semelhanças;

Expressões;

Aglomerações;

Encontros: superficiais, importantes, amorosos...

Ou andam lado a lado e não se encontram?

Hábitos;

Descrição da realidade;

Embarques e desembarques;

Pontos e paradas;

Aspectos solidários?

Aspectos solitários?

Desentendimentos;

Entendimentos? Será que entendemos?

Conflitos...

Internos e externos;

Descobertas;

Desconstrução e construção;

Sujeitos...

No plural? Ou no singular?

Sujeitos na cidade;

Sujeitos na escola;

Sujeitos da EJA;

Sujeitos do campo.

Ahhh, estes sujeitos... Simples, compostos ou ocultos?

São tantas as suas características...

Determinados?

Indeterminados?

Determinantes.

(Autoria da pesquisadora, 2018)

A pesquisa foi realizada no Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí que está situado no bairro Centro do município de Tramandaí-RS, com, aproximadamente, mil e duzentos alunos entre o diurno e o noturno. A escola possui uma excelente estrutura como laboratório de ciências com microscópios, lupas e uma grande quantidade de material para observação dos educandos, laboratório de informática onde todos os computadores possuem acesso à internet, biblioteca, auditório, sala de vídeo e espaços de convivência com bancos para que os estudantes possam socializar. Com todo este suporte pedagógico e tecnológico, os professores podem elaborar diferentes estratégias didáticas para trabalhar com seus estudantes.

A EJA possui, aproximadamente, 180 estudantes com funcionamento noturno, distribuídos em seis turmas com três totalidades. A totalidade 7 representa o 1º ano e possui duas turmas, a totalidade 8 representa o 2º ano e possui duas turmas e a totalidade 9 representa o 3º ano e possui duas turmas. Os resultados das avaliações são feitos bimestralmente e as promoções ou permanência dos estudantes são semestrais.



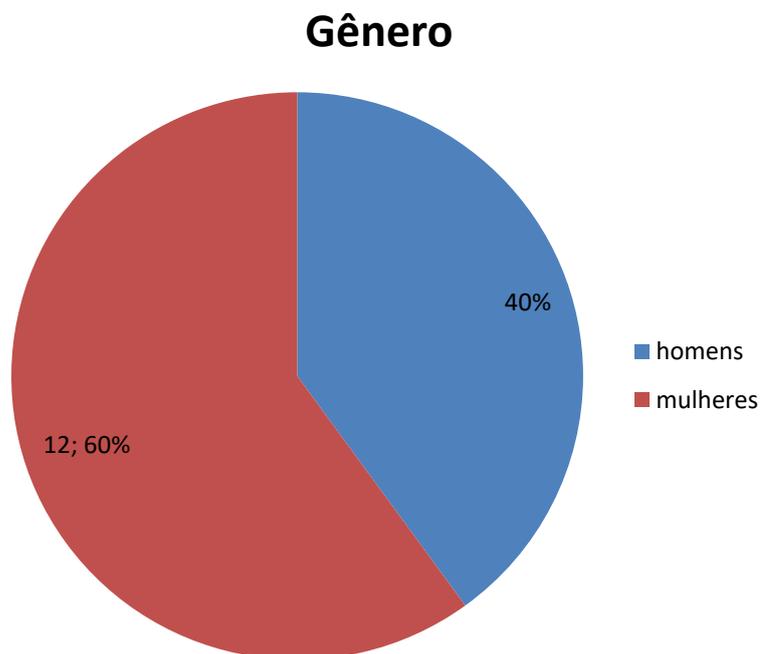
Figura 03 – Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí

A amostra desta pesquisa é de vinte estudantes: onze da totalidade sete; nove estudantes da totalidade oito (as primeiras etapas do curso).

ENTREVISTADOS	TOTALIDADES
11 ESTUDANTES	7
9 ESTUDANTES	8

Conforme podemos observar no gráfico 1 as mulheres representam 60 % da amostra. Podemos inferir que as mulheres são as que mais apresentam motivo para abandonar a escola no período considerado “regular”. Portanto, elas retornam para escola, após resolverem os problemas que as levaram ao afastamento.

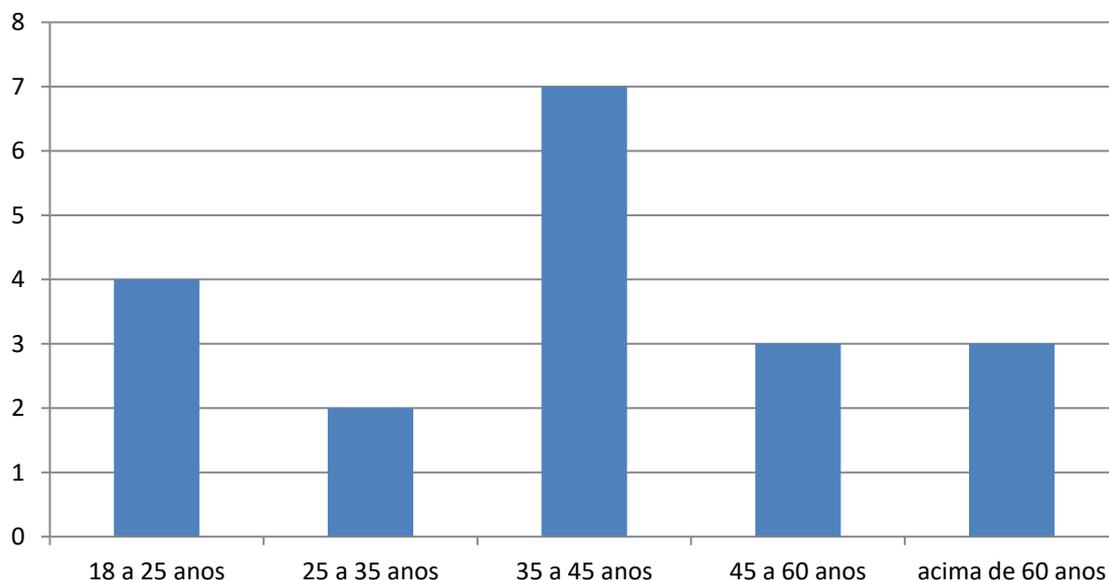
Gráfico 01 – Gênero dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora

Em relação à faixa etária dos estudantes percebemos que a maioria dos(as) entrevistados(as) tem acima de 25 anos, não sendo turmas tão “juvenilizadas” como observado por Garcia (2011). Com este mapa das idades, reafirma-se a necessidade da oferta de EJA sobretudo para a população que não teve a oportunidade, por algum motivo, de estudar na idade considerada “adequada” e com maior “defasagem” escolar.

Gráfico 02 – Faixa etária dos estudantes pesquisados



Fonte: elaborado pela autora

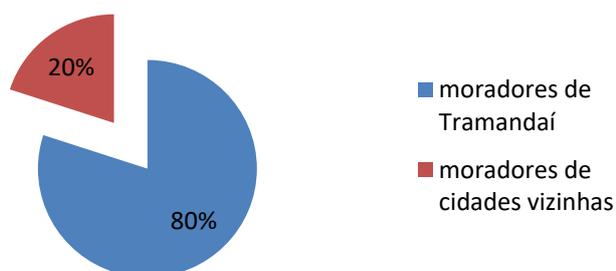
A EJA tem funcionamento noturno, divididos por totalidades. A totalidade 7 é referente ao 1º ano do Ensino Médio, a totalidade 8 é referente ao 2º ano do Ensino Médio e a totalidade 9 é referente ao 3º ano do Ensino Médio e as avaliações são bimestrais.

Atender as diferentes especificidades apresentadas pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos acaba se tornando uma tarefa bem difícil para os educadores desta modalidade de ensino no sentido de que ao mesmo tempo em que os professores têm que retomar conteúdos curriculares que há muito tempo não é visto pelos estudantes mais velhos, o que exige tempo, dedicação e paciência, também têm que trabalhar conhecimentos para aqueles estudantes que buscam um preparo para prestar vestibulares, para ingressar no ensino superior e até mesmo para o mundo do trabalho. Acerca dessa característica podemos ilustrar com a fala de um dos estudantes mais jovens que sentiu a necessidade de um “desabafo”: “*Sinto que o ensino aqui na escola é bem limitado, eu sei que é por que temos que respeitar as dificuldades dos mais velhos, mas eu gostaria de ter mais conteúdo pra poder me preparar para o vestibular*” (Junior*, 18 anos). Discursos semelhantes a esse evidenciaram-se na pesquisa feita por Kutter e Eichler (2011) em Torres, onde

estudantes mais jovens julgavam os conteúdos “fracos” para seus objetivos, enquanto estudantes de mais idade percebiam como adequados ou difíceis pelo nível de defasagem escolar. Interessante argumentar que para os estudantes mais jovens podem se apresentar mais dilemas (em relação a estudantes de mais idade) pois, por um lado, ganham tempo cursando a EJA, por outro, não se sentem devidamente “preparados para o vestibular”.

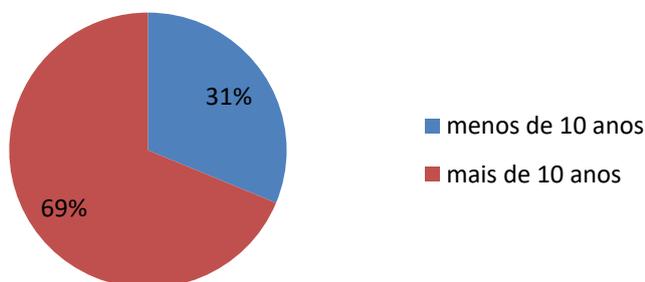
No gráfico 3 podemos ver o Município de residência dos estudantes. Já no gráfico 4 podemos ver que dos vinte estudantes entrevistados, grande parte são moradores de Tramandaí e desta população Tramandaiense a maioria reside no município há mais de dez anos:

Gráfico 03 – município dos estudantes



Fonte: elaborado pela autora

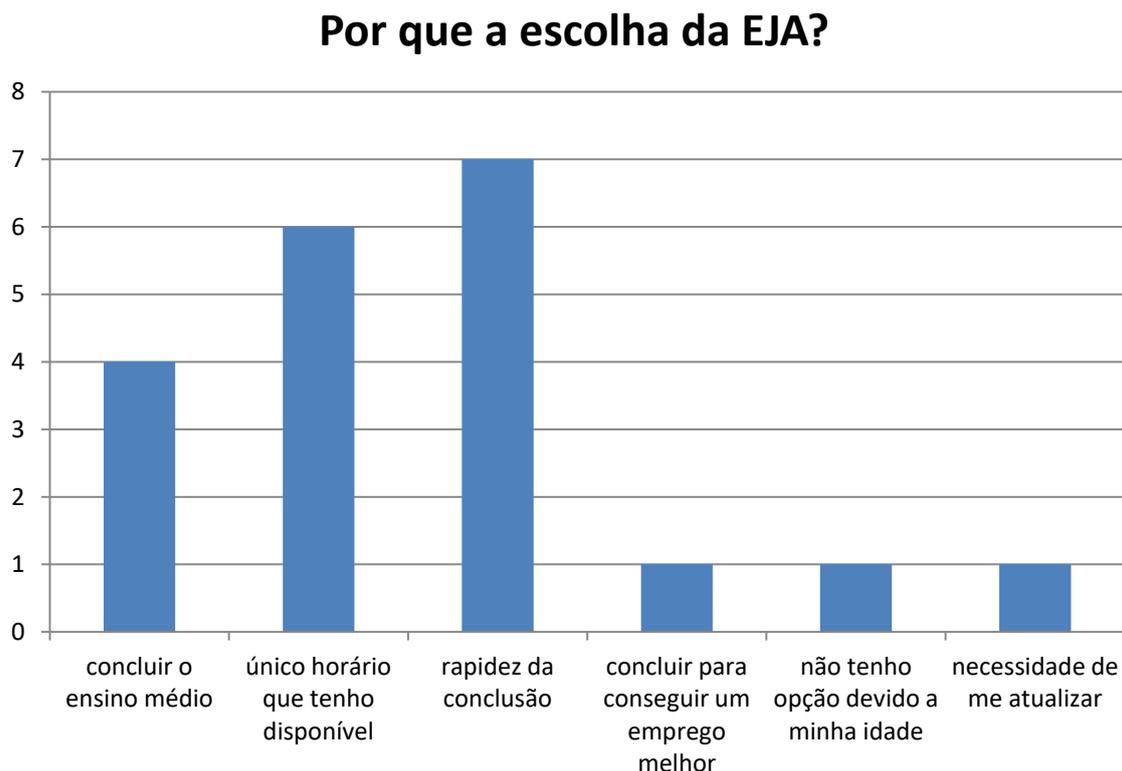
Gráfico 04 – tempo que moram em Tramandaí



Fonte: elaborado pela autora

Sobre a conclusão do Ensino Fundamental, perguntamos se concluíram na EJA ou no sequencial. Assim, as respostas indicam que 10 estudantes concluíram o ensino fundamental na EJA e 10 estudantes concluíram no sequencial. Este empate fez com que surgisse uma nova questão: o que levou você a escolher a EJA Ensino Médio?

Gráfico 05 – Motivo da escolha da EJA



Fonte: elaborado pela autora

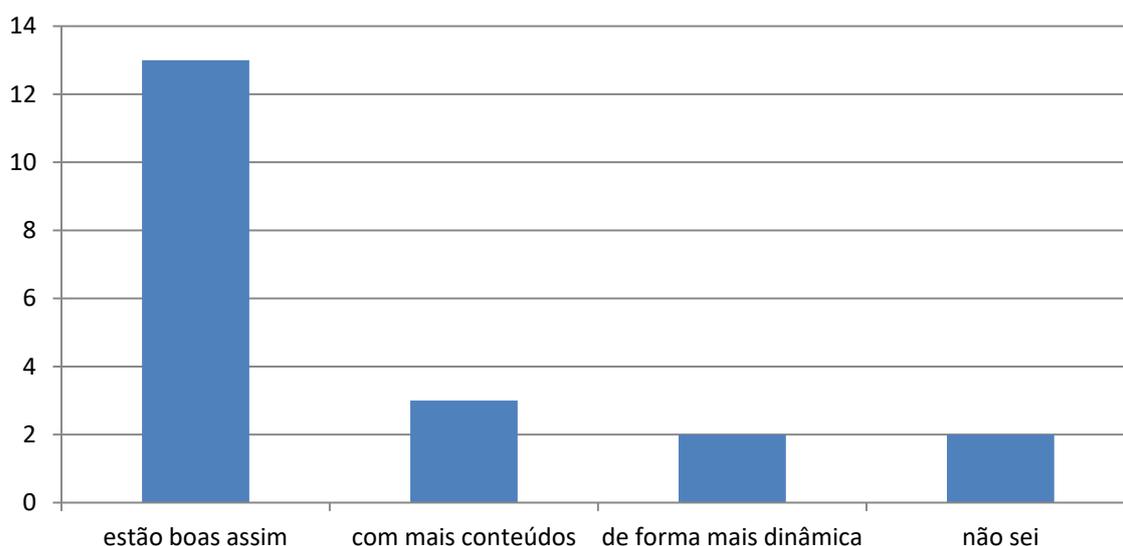
A EJA ainda é a única alternativa de estudo para quem está fora da idade considerada “adequada”. Observa-se com este resultado que a EJA ainda cumpre o papel da elevação da escolaridade. Apenas um aluno menciona ter buscado a EJA para atualização, o que seria a verdadeira função da EJA, ou seja, educação ao longo da vida, conforme conceito utilizado pela CONFINTEA de 2009, realizada no Brasil, registrado nos documentos “Marco da ação de Belém” (2010).

Dentre as respostas obtidas, percebe-se que a grande maioria optou pela EJA em busca da conclusão do Ensino Médio com rapidez, buscando recuperar um tempo “perdido”. No entanto, não podemos deixar de observar outras questões importantes:

única opção devido à idade dos estudantes, horário para que os trabalhadores diurnos possam estudar e a busca de um emprego melhor.

Quando o questionamento é sobre como os estudantes gostariam que fossem desenvolvidas as aulas, não houve muitas sugestões. Grande parte dos estudantes relatou que as aulas estão boas do jeito que estão. Alguns estudantes relataram que gostariam que as aulas em todas as disciplinas, tivessem mais conteúdo, preparando-os para, posteriormente, prestar vestibular, outros gostariam que as aulas fossem mais dinâmicas e que essa metodologia facilitasse o aprendizado. Apenas dois estudantes disseram não saber qual seria a melhor maneira para que as aulas na EJA fossem desenvolvidas.

Gráfico 06 – Como gostariam que fossem desenvolvidas as aulas?



Fonte: elaborado pela autora

Durante as observações, percebeu-se que havia um grande número de faltas diárias, evasão e desistência. O que nos levou a buscar compreender quais são as maiores dificuldades que os estudantes encontram para que possam concluir seus estudos. Nove dos entrevistados relataram que não possuem nenhuma dificuldade para concluir os estudos, porém mais da metade dos nossos interlocutores (onze entrevistados) apresentam diferentes dificuldades para a conclusão do ensino médio: a principal delas é apresentada por cinco estudantes do sexo feminino que relataram não ter com quem deixar seus filhos para que possam frequentar a escola. Durante o

período da pesquisa percebeu-se que muitas trajetórias escolares foram interrompidas por este mesmo motivo e esta dificuldade é apresentada apenas pelas mães e não pelos pais. Kutter e Eichler (2011) observaram na pesquisa na EJA em Torres a mesma questão de gênero: As turmas eram predominantemente femininas e o abandono escolar por parte dessas mulheres deu-se por motivos familiares ou migratórios.

Outras respostas sobre as dificuldades que os estudantes encontram para a conclusão dos estudos na Educação de Jovens e Adultos são: dificuldade para realizar trabalhos/temas de casa fora do ambiente escolar (1), matemática (1) e relembrar a matéria depois de muito tempo sem estudar (4).

Gráfico 07- dificuldades encontradas para concluir os estudos



Fonte: elaborado pela autora

Também perguntamos se os horários de aulas atendem as necessidades dos estudantes e apenas um deles relatou que era muito cansativo, pois trabalhava o dia todo e acabava não sobrando tempo para passar com a família.

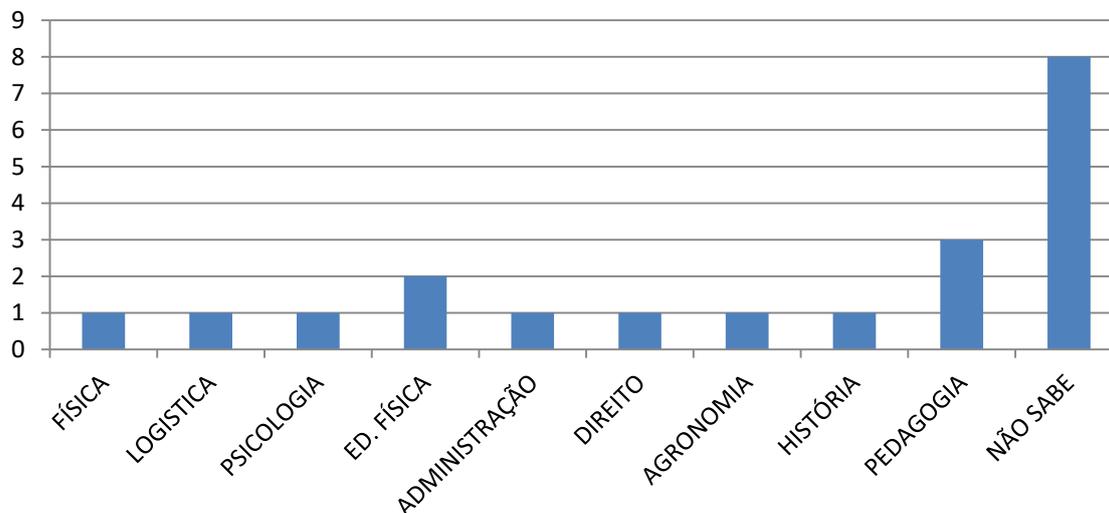
Quando são questionados sobre a continuação dos estudos no ensino superior, dezoito dos vinte entrevistados relataram que têm interesse em seguir com seus estudos nas mais diferentes áreas. Porém, nossos interlocutores não tinham

conhecimento de que existe um Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no município com diversas opções de cursos, além de um polo (CECLIMAR), no município vizinho. Os estudantes se mostraram muito interessados quando o assunto foi sobre o Ensino Superior e sobre as possibilidades presentes na região litorânea, tornando possível dar continuidade nos seus estudos e garantindo uma qualidade de vida melhor para estes sujeitos e suas respectivas famílias. No entanto, percebe-se que este deve ser um trabalho de incentivo contínuo, pois muitos dos estudantes relataram que não possuem acesso às informações sobre as oportunidades como vestibulares e processos seletivos das universidades da região. Cabe comentar que as turmas amostradas não haviam participado ainda da “Jornada¹” que ocorrem na totalidade 9, quando vivenciam palestras e oficinas feitas por ex-aluno(as) da EJA e estudantes de Ensino Superior, elaboradas a partir da disciplina de Biologia, com base nos interesses indicados pelos estudantes em pesquisas feitas pela professora regente da disciplina.

Gráfico 08 – Em que área pretende continuar o ensino superior?

¹ “Jornada socioECOLógica na EJA” é uma atividade realizada anualmente pela regente da disciplina de Biologia, com o objetivo de divulgar oportunidades profissionais e de estudos, voltada à valorização da economia local viva e da sustentabilidade na região do LNRS – da qual participei da organização no ano de 2017.

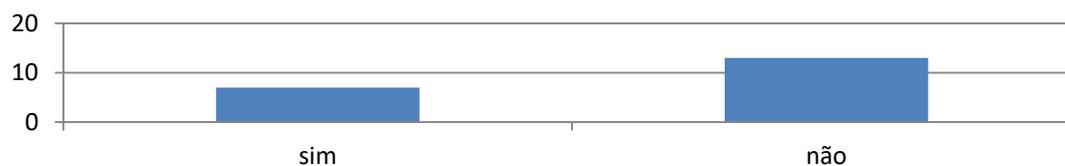
Ensino Superior/Área



Fonte: elaborado pela autora

A primeira questão levantada sobre a Educação do Campo é se os estudantes possuíam algum vínculo com atividades do campo. Sete dos estudantes entrevistados disseram que estão vinculados de alguma forma a algumas atividades do campo como pesca e agricultura familiar.

Gráfico 09 – vínculo com atividades do campo

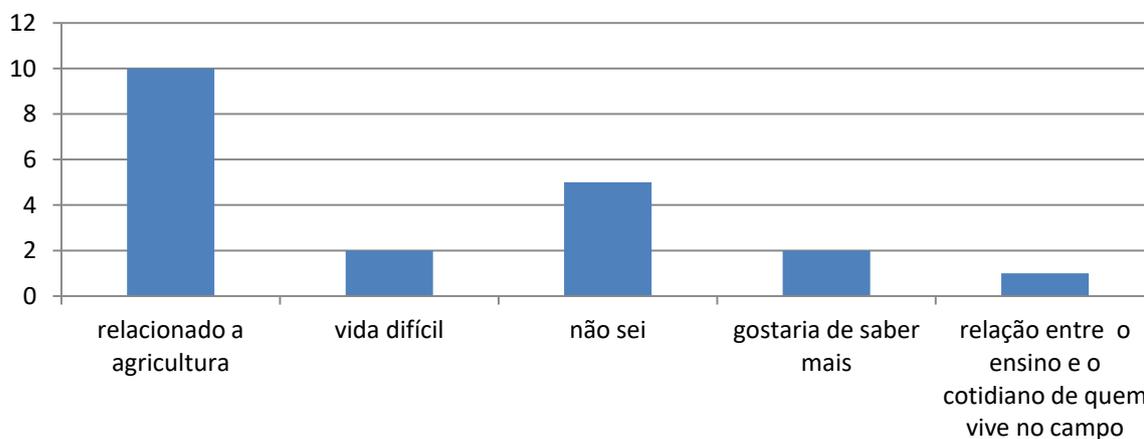


Fonte: elaborado pela autora

No entanto, a grande maioria desconhece o que significa Educação do Campo e quando perguntamos o que os estudantes compreendem por essa expressão, as respostas são bem variadas. Dez dos entrevistados relataram que a Educação do Campo é algo relacionado à agricultura, dois estudantes disseram que acham que a Educação do Campo é relacionada à vida difícil que os sujeitos do campo têm, cinco estudantes relataram não saber do que se trata a Educação do Campo, dois disseram que gostariam de saber mais sobre o assunto e um dos estudantes entrevistados

relatou que a Educação do Campo deve ser a relação entre o ensino e o cotidiano de quem vive no campo.

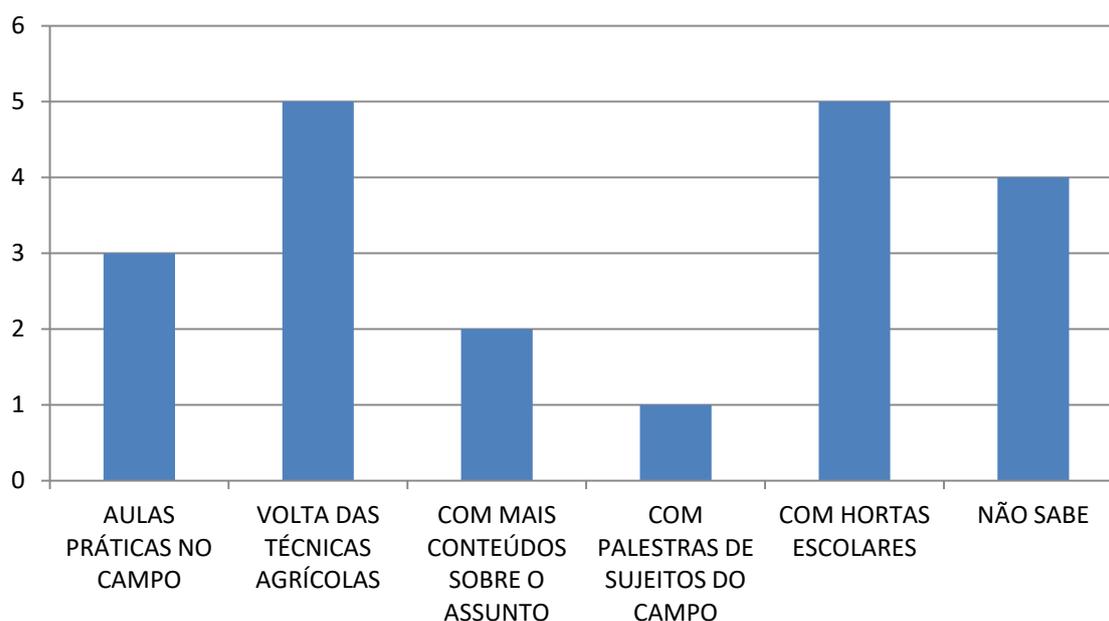
Gráfico 10 – O que você entende por Educação do Campo?



Fonte: elaborado pela autora

Em diálogos com os estudantes sobre a Educação do Campo durante a aplicação do questionário, percebeu-se que grande parte dos estudantes demonstrou interesse relacionado ao assunto e afirmaram que seria interessante se as práticas do campo fossem mais valorizadas, principalmente na escola para que os sujeitos do campo se apropriem dos seus direitos, se sintam valorizados e, assim, não sofrendo nenhum tipo de discriminação e tendo que abandonar suas atividades. Seguindo nesta mesma linha, surge a curiosidade em saber como estes estudantes acham que poderiam ser desenvolvidas as aulas com o intuito de valorizar a Educação do Campo e como a escola poderia contribuir para o desenvolvimento das práticas do campo. As respostas foram as seguintes:

Gráfico 11 – Como a escola poderia contribuir para o desenvolvimento das práticas do campo?



Fonte: elaborado pela autora

Os estudantes entrevistados, em unanimidade, relataram que consideram importante trabalhar questões sobre a Educação do Campo mesmo estando presentes em uma escola urbana, pois muitos destes estudantes são oriundos do campo e tematizar este contexto dentro da escola faz com que estes sujeitos se sintam mais valorizados e não sintam a necessidade de abandonar suas práticas do campo em busca de uma vida considerada por muitos, como mais “digna”, com menos discriminações e preconceitos frente ao campo que os cerca. Cabe aqui mencionar que alguns dos pontos indicados pela amostra (como noções de técnicas agrícolas e palestras com sujeitos do campo, por exemplo) são trabalhados na totalidade 9 – que ainda irão cursar.

Quinze dos entrevistados disseram que identificam vinculação dos conhecimentos prévios elaborados por eles com conteúdos desenvolvidos nas diferentes disciplinas escolares. *“Todos os assuntos abordados em aula podem ser usados no nosso dia a dia”*. Os estudantes participam e debatem em todas as aulas sobre os temas trabalhados, trazendo exemplos dos seus cotidianos e buscando uma melhor compreensão sobre o que está sendo trabalhado. Os professores, por sua vez, buscam trazer exemplos mais próximos das realidades dos estudantes fazendo com

que o aprendizado seja mais significativa. *“Antes, fazer um bolo, pra mim, não tinha nada a ver com química, hoje já vejo que sim”*.

4.2. A importante relação entre educador e educando

Independentemente da faixa etária dos estudantes ou do grau de formação escolar de cada sujeito, consideramos relevante relatar a importância das relações entre educadores e educandos que foram percebidas durante a pesquisa.

Os professores da Educação de Jovens e Adultos, da escola interlocutora da pesquisa, possui um perfil próprio e bem característico para trabalhar com a EJA. A grande maioria dos professores observados durante a pesquisa possui certa sensibilidade para trabalhar com as inúmeras diversidades que a EJA apresenta. Percebeu-se que existe um importante engajamento entre os professores e estudantes, o que garante um ambiente mais saudável, um aprendizado mais eficiente, uma melhor convivência e relações de confiança entre os mesmos.

Ainda falando sobre o perfil do educador da EJA, observou-se que existe flexibilidade em suas metodologias de ensino e transparência nas atividades avaliativas. O estudante passa a conhecer cada professor e a maneira que cada um deles trabalha, ou seja, aquele pavor relacionado a provas surpresas não existe, os estudantes são informados com antecedência sobre o decorrer das aulas.

Sabe-se que em sala de aula existem as mais diferentes personalidades, os mais tímidos, os mais falantes, os mais bravos, aqueles que participam mais, os que buscam conhecimento, os que esperam alguma afirmação, os inseguros, entre outros, o que ocasiona em algumas discussões devido à divergência de opiniões. Os professores, na EJA, se posicionam como administradores de conflitos, fazendo com que a harmonia permaneça em sala de aula, estabelecendo um equilíbrio entre todas estas personalidades, repreendendo atitudes desrespeitosas, garantindo voz aos mais tímidos e estimulando um convívio saudável entre todos.

5. CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÃO

5.1. A tão esperada chegada: conclusão da viagem

Ao realizar um diagnóstico sobre as escolas municipais e estaduais do município de Tramandaí-RS, constatou-se que, até o presente momento (2018), nenhuma escola oferece EJA fundamental presencial no município (apenas em municípios vizinhos) e existe apenas uma escola que oferta EJA Médio na cidade.

Tratando de uma cidade com, aproximadamente 46 mil habitantes, consideramos este número de estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos bem abaixo do esperado, tendo em vista os dados do IBGE acerca da escolarização no município. O que acontece é que esta escola não possui espaço físico suficiente para atender toda a demanda, o que ocasiona em uma grande fila de espera e salas de aulas com superlotação - que pode perceber durante atividades de observações nos estágios de docência.

Apesar de todos estes fatores preocupantes sobre a falta de oportunidades de acesso à escola na EJA, existe um grupo de profissionais empenhados na transformação de uma educação de qualidade nesta escola, percebem que a EJA necessita de uma reconfiguração, com um grupo de profissionais com competências específicas para dar conta de atender as diferentes especificidades da vida escolar jovem e adulta.

Os professores da Educação de Jovens e Adultos neste Instituto de Educação têm como prioridade a formação de cada indivíduo que não tiveram acesso a educação básica na “idade apropriada” de maneira que torne seu aprendizado significativo, resolvendo ou corrigindo algumas situações de exclusão e tornando estes sujeitos capacitados para o ensino superior, ao mundo do trabalho, fazendo com que os mesmos possam e saibam se defender das discriminações e preconceitos que até hoje os estudantes desta modalidade enfrentam.

Assim, como nos diz Garcia (2011) “o desafio da EJA dá-se não só na garantia do acesso, mas no reconhecimento dos sonhos, desejos e necessidades das diferentes faixas etárias que buscam uma educação que as considere na sua integridade” (GARCIA, 2011, p. 18).

Para obter-se uma educação com qualidade social na EJA, conforme nos alerta Arroyo (2011), primeiro é preciso conhecer os sujeitos que ali estão presentes e desfazer-se de todo e qualquer preconceito ou julgamento precipitado sobre estes sujeitos, pois

por décadas, o olhar escolar os enxergou apenas em suas trajetórias escolares truncadas: alunos evadidos, reprovados, defasados, alunos com problemas de frequência, de aprendizagem, não concluintes da 1ª à 4ª ou da 5ª a 8ª. Com esse olhar escolar sobre estes jovens-adultos, não avançaremos na reconfiguração da EJA (ARROYO, 2011,p.23).

A escola, por sua vez, terá de ver além destes atos performativos carregados de pré-julgamentos. Os estudantes devem passar a serem vistos como sujeitos oriundos de múltiplos espaços, que carregam em sua “bagagem” inúmeros aprendizados para serem compartilhados, segundo Arroyo (2011), aprendizados sobre as “suas trajetórias de vida, seu protagonismo social e cultural, suas identidades coletivas de classe, gênero, raça, etnia...”.

Tornar o aprendizado significativo para todos os estudantes, exige uma mudança de postura de alguns professores. O educando deve ter voz em sala de aula. Arroyo (2011) já diz que “quando só os mestres têm o que falar, não passa de um monólogo”. Os estudantes carregam o desejo de perceber a educação como um diálogo e que suas questões pessoais, do seu cotidiano, serão trazidas para dentro dos conteúdos curriculares, fazendo um *link* entre conteúdo escolar e a realidade. Segundo Arroyo (2011)

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se paute pelo diálogo entre os saberes escolares e os saberes sociais (ARROYO, 2011, p.35).

Valorizar a fala na sala de aula é assumir um novo entendimento sobre como os estudantes aprendem. Os temas trabalhados em sala de aula não devem ser vistos como algo fora da realidade, não existe um conteúdo curricular que não esteja presentes no nosso cotidiano e os estudantes sabem disso, mas é preciso aprender a reconstruir o que já é conhecido. Para que o estudante consiga fazer esta ligação entre o conteúdo escolar e a realidade, é necessário o dialogo para que possam adicionar mais significados aos temas propostos e possam fazer uma elaboração pessoal de significados a partir destas interações.

Os nossos interlocutores e a própria pesquisa nos mostra que é através de diálogos que podemos ter uma melhor compreensão do mundo que nos cerca, através desta interação e troca de saberes conseguimos perceber que existem assuntos importantes a serem trabalhados no ambiente escolar e que estes assuntos podem ser mapeados nos planos de ensino de um modo mais completo (por todos os decentes).

Como já foi visto anteriormente na apresentação dos dados, os interlocutores relatam a importância de trazer a Educação do Campo para dentro da sala de aula mesmo se estiverem em uma escola em uma área urbana, pois alguns dos sujeitos presentes nestas escolas (urbanas) são oriundos do meio rural ou são ribeirinhos, trabalham com agricultura familiar ou pesca e necessitam de um maior conhecimento sobre a importância das atividades do campo para a sociedade e um maior conhecimento sobre os seus direitos para que se sintam mais valorizados.

Outro desafio identificado pela pesquisa é em relação aos temas contemporâneos que os docentes precisam trabalhar. Um exemplo são as questões que envolvem os diferentes objetivos das faixas etárias presentes nas turmas e EJA. Jovens tentam equilibrar o trabalho, seus objetivos de cursar uma faculdade e a pressão em terminar os estudos com a abordagem de conteúdos própria que se tem na EJA – que alguns julgam como “fraca” por não se sentirem sendo preparados para o vestibular, ou ENEM.

Uma importante informação que apareceu na pesquisa foi a questão de gênero: Mulheres são maioria numérica na modalidade. Assim como esta, outras pesquisas tem apontado esse dado. Importante mencionar que após a conclusão deste trabalho temos intenção de dar continuidade as pesquisas e aprofundar mais as descrições ao abordar este tema de pesquisa: “Questões de gênero na EJA”. Mesmo antes dessa continuidade, gostaríamos de mencionar que pensou-se em soluções para questões apontadas como impedimento, ou dificuldade, pelas mulheres interlocutoras: Muitas param seus estudos por não ter a quem confiar o cuidado de seus filhos(as). Uma das soluções mencionadas até em conversas com sujeitos da pesquisa (projetando futuros debates para pensarmos políticas públicas e ampliação de direitos) seria a criação de escolas de Educação Infantil noturnas junto às escolas onde funcionam EJA e Educação do Campo.

Ao terminar este trabalho, reforço a importância que a Educação de Jovens e Adultos tem na minha vida e na vida de muitos cidadãos. Com o intuito de “recuperar um tempo perdido” já que não foi possível que eu concluísse a Educação Básica na “idade apropriada”, tive a oportunidade de ingressar na EJA para a conclusão do Ensino Médio.

Após dias exaustivos de trabalho, durante um ano, compartilhava minhas noites com professores que iriam causar uma transformação que talvez nem eles mesmo soubessem que causariam. No princípio, pensei que não fizesse diferença estar ali ou não, que a EJA facilitaria minha vida, que era só fazer uma prova e ficava tudo bem, que eu era só “mais uma” em busca de um certificado de conclusão do ensino médio.

E eu era... mais uma, mas não só, nunca só. Ali estavam presentes seres humanos incríveis que carregarei comigo por toda a minha vida, que jamais esquecerei, que faço questão de lembrar sempre que o assunto a ser tratado é sobre a EJA ou sobre os impactos que alguns professores causam na vida de seus estudantes.

Nesta trajetória na EJA, os dias passaram a ser diferentes, o cansaço já não era mais tão grande e acabava quase por completo enquanto eu estava nas aulas malucas de filosofia ou sociologia de uma professora, que pelo que me lembro, eram, em sua grande maioria, diálogos depois de termos lido algum artigo, lembro que ficávamos muito à vontade, ela sentada em cima da mesa olhando para cada um de nós com um olhar que era só dela, aqueles olhares com vontade de abraço.

E assim eram as noites, mais uma noite, mais uma tentativa, mais alguns acertos, mais conversas, risadas, mais assuntos incertos a serem descobertos. A escola não se tratava só de um prédio que abrigava alguns “atrasados” e alguns professores, era mais, bem mais. Era espaço de socialização, era território de encontros e relações, era onde alguns valores passaram a ser questionados e onde alguns projetos começaram a ser construídos.

Foi na EJA, que, mesmo sem saber, comecei a perceber a interdisciplinaridade, os assuntos das mais diferentes disciplinas dialogavam entre si, não sei se essa era uma estratégia dos professores, se eles conversavam ou planejavam suas aulas juntos, mas dava certo, conseguíamos compreender de maneira mais simples o

mundo que nos cerca a partir das aulas de física e química. Não recordo de dificuldades apresentadas por alguns colegas, nós aprendíamos juntos e todos aprendiam e ensinavam algo.

Os professores na EJA eram incansáveis, explicavam uma, dez, mil vezes, até desenhavam se fosse necessário, mas nunca desistiam de nos fazer entender. Faziam com que nossas ideias crescessem e se multiplicassem em novas ideias. Estes professores, meus professores, me inspiraram e me inspiram até hoje. Deixaram de ser somente meus professores e se tornaram meus grandes amigos, meus heróis. Formaram indivíduos conscientes, responsáveis, questionadores, preparados para enfrentar a realidade e transformá-la.

Penso que aquele que consegue fazer uma leitura de mundo, incluindo, sobretudo, o seu mundo e nessa perspectiva encontrar o seu lugar, fica investido de autonomia e sente-se valorizado enquanto sujeito. E se auto investe de capacidade e fortes quereres instrumentando-o para transformar o seu destino. O qual parecia já estar traçado (WITT, 2017, s/p).

Por fim, reforço aqui como se faz importante professores na EJA com estas características diferenciadas, que buscam conhecer seus estudantes e suas diferentes realidades, fazendo com que seus educandos acreditem no seu potencial, que todos são capazes do que quiserem, que através do diálogo em sala de aula se constroem grandes sujeitos, que não devem aceitar nenhum tipo de discriminação por serem estudantes da EJA, que “atrasados” são os que pensam desta forma e que todos nós temos o nosso **tempo** e que para educar é necessário, antes de qualquer coisa, **conhecer**.

Para você me educar...
Para você me educar,
Você precisa me conhecer,
Precisa saber mais da minha vida,
Meu modo de viver e sobreviver;
Conhecer a fundo as coisas nas quais eu creio
e às quais me agarro nos momentos de solidão,
Desespero, sofrimento.

Precisa saber e entender
As verdades, pessoas e fatos
Aos quais me entrego
Quando preciso ir além de mim mesmo.
Para você me educar,
Precisa me encontrar lá onde eu existo,
Quer dizer, no coração das coisas,
Nos mitos e nas lendas,
Nas cores e nos movimentos,
Nas formas originais e fantásticas,
Na Terra, nas estrelas,
Nas formas dos astros do sol e da chuva.
Para você me educar,
Você precisa estar comigo onde eu estou,
Mesmo que você venha de longe
e que esteja muito adiante.
Só há um adiante para mim:
Aquele que eu construo e conquisto.
Só há uma forma de construí-lo:
A partir de mim mesmo e do meio em que vivo.
Para você me educar,
Precisa compreender a cultura do contexto em que se dá meu crescimento.
Pois suas linhas de força
São as minhas energias.
Suas crenças e expectativas
São as mesmas que passam a construir...
Para você me educar...
Você precisa me conhecer
(Autor desconhecido).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5º SEMINÁRIO NACIONAL DAS LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, **caderno de estudos**: Laranjeiras do Sul, PR 2015. 175 pgs.

ACSELRAD, Henri. A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ARROYO, Miguel, G. Currículo, território em disputa. Petrópolis: Editora Vozes, 2011

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.; Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação/CNE. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer 11/2000.

_____. Presidência da República. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96)

_____. Ministério da Educação/CNE. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000

_____. Presidência da República. DECRETO Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: Dicionário Paulo Freire, STRECK R. Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José (org). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARVALHO, Cristiene Adriana da Silva; II MARTINS, Aracy Alves. **Práticas Artísticas do Campo**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 299pgs.

CARVALHO, Gilcinei Teodoro; II MARTINS, Maria de Fátima Almeida. **Livro didático e educação do campo**. Belo Horizonte: Faculdade de educação da UFMG, 2014.

COELHO DE SOUZA, Gabriela. Transformações no espaço rural-Porto Alegre: editora da UFRGS, 2011.

CONFINTEA VI. Marco de Ação de Belém: Brasília, 2010

CONTERATO, Marcelo Antonio. Teorias do desenvolvimento-Porto Alegre: editora da UFRGS, 2009.

- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- GARCIA, Elisete Enir Bernardi. A política da Educação de Jovens e Adultos em São Leopoldo/RS, na perspectiva de seus sujeitos. Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa 4. Editora São Paulo: Atlas, 2008.
- HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos- 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- KOLLING, Edgar J.NERY; Ir.,II MOLINA, Monica C. **Por uma educação básica do campo**. Articulação Nacional Por uma Educação do campo: Brasília 1999
- KUTTER, Ana Paula Zandonai; II EICHLER, Marcelo Leandro. **Um Percorso Etnográfico na Pesquisa em Educação em Ciências Biológicas**: Experiências na Educação Jovens e Adultos (EJA). Curitiba, PR: Editora CRV, 2012. 214 pgs.
- _____. A Educação em Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Etnografia de uma experiência biocêntrica na escola. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 11, n.2, p. 87-115, 2011.
- MELO, Keylla Rejane Almeida;II MELO, Raimunda Alves; III CATAPRETA, Jean Carlos Antunes. **Saberes e Fazeres da Educação do Campo**: Reflexões sobre a formação de educadores e a prática Educativa. Piauí: EDUFPI editora, 2017. 238pgs.
- MIZUKAMI, MGN. Ensino: Abordagens do Processo. São Paulo: EPU, 1986.
- NORTON, Thiago. “A cidade não mora mais em mim”: o cinema e o olhar na Escola do Campo. p. 251. **Práticas Artísticas do Campo**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- SANTOS, Karine. **Formação do sujeito, sujeito da formação**: a relação com o saber de professores de classes de educação de jovens e adultos de São Leopoldo/RS, dissertação de mestrado: São Leopoldo 2007. 118 pgs.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional 5 ed. São Paulo: editora da universidade de são Paulo, 2013.

WITT, Eloime Knevez. Educação de Jovens e Adultos: Direito, práticas pedagógicas e investigação. Curso de extensão EJA/EAD – UFRGS, 2017.

www.ibge.com.br

APÊNDICE A - Questionário para pesquisa com os alunos da EJA do Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí

- 1- Você ou sua família possui algum vínculo com atividades do campo?
- 2- O que você compreende por educação do campo?
- 3- Você se considera sujeito do campo?
- 4- Na sua visão, como a escola pode contribuir para o desenvolvimento das práticas do campo?
- 5- Você considera importante trabalhar estas questões no ambiente escolar?
- 6- Você considera importante tematizar o contexto dos educandos na escola?
- 7- Você identifica vinculação dos conteúdos prévios elaborados por cada estudante com os conteúdos desenvolvidos nas disciplinas escolares?
- 8- Você pretende continuar os estudos no ensino superior? Em que área?
- 9- Os horários das aulas atende suas necessidades?
- 10-Quais as dificuldades que você encontra para concluir os estudos?

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Título da Pesquisa: Da escola que temos á escola que queremos: uma viagem pela educação do campo na perspectiva da educação de jovens e adultos

Nome do (a) Pesquisador (a): Juliana Otto

Nome do (a) Orientador (a): Elisete Enir Bernardi Garcia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como questão central investigar quais são as principais dificuldades que os estudantes da EJA apresentam para concluir seus estudos e questionar sobre como são trabalhadas as diferentes especificidades em sala de aula.

Participantes da pesquisa: Estudantes de duas turmas da Educação de Jovens e Adultos do Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí.

Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo, você deverá assinar este termo. Serão realizadas entrevistas, que poderão acontecer em grupo e individuais, com local e horários pré-definidos, a fim de que possamos levantar dados sobre suas experiências/vivências dos estudantes da EJA. As entrevistas serão realizadas de forma que nenhum constrangimento seja ocasionado, sendo respeitada sua opinião e com liberdade de expor seu pensamento livremente. Você terá ainda, a liberdade de se recusar em participar da pesquisa, assim como em não responder algumas questões que não lhe sejam pertinentes, sem qualquer prejuízo. Solicitamos dessa forma, sua colaboração para que possamos obter melhores resultados para a pesquisa. Qualquer informação ou esclarecimento, poderá entrar em contato com a estudante/pesquisadora Juliana Otto, através do E-mail: juliana_otto@yahoo.com.br e com a professora/orientadora Elisete Enir Bernardi Garcia pelo email elisete.bernardi@ufrgs.br

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, evitando questões que causem qualquer tipo de constrangimento aos entrevistados, as questões que fizerem menção às vivências dos estudantes e suas relações serão mantidas em anonimato se assim o preferir, obedecendo os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, não oferecendo qualquer risco à sua dignidade.

Benefícios: A pesquisa não objetiva intervir no processo de aprendizagem e não condiciona seu aproveitamento e sua avaliação nas disciplinas cursadas. Sendo assim, sua participação não lhe ocasiona benefícios diretos. No entanto, buscamos a partir desta investigação fazer uma reflexão dos temas abordados para produção de conhecimentos que possam contribuir na formação dos estudantes, relacionada a área citada.

Pagamento: A participação na pesquisa não ocasionará qualquer tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação.

Solicitamos assim, seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, preenchendo os itens que seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

A partir dos esclarecimentos expostos a cima, autorizo, de forma livre e esclarecida, a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa e Assinatura

Assinatura do Estudante/Pesquisador

Assinatura da Professora Orientadora
